



Ideologia: uma consciência invertida e desconectada da história

Glauber Klay Carreiro Fidelis

Resumo: Em tempos de polêmica envolto ao conceito de ideologia em diversos ramos do saber, o esclarecimento desse conceito em Marx e Engels, torna-se mais que um desejo de escola por uma narrativa acadêmica, mas uma emergente e radical delimitação à centralidade de toda uma teoria já consolidada. Estamos nos referindo a Teoria Social apresentada por Marx e Engels na obra *Ideologia Alemã*. Portanto, este artigo remete a expressar a natureza da Teoria Social apresentada por Marx e Engels na primeira parte da obra *Ideologia Alemã*. Apresentamos o materialismo histórico como contraponto radical à toda estrutura filosófica fundamentada na pura epistemologia lógica, e, especificamente, à crítica aos jovens hegelianos Ludwig Feuerbach, Bruno Bauer e Max Stiner. O objetivo central desse artigo é apresentar de forma objetiva o conceito de ideologia segundo Marx e Engels como parte de sua crítica ao idealismo. O que tornou-se necessário, a reflexão sobre o conceito de consciência de classe, e a distinção entre ideologia e ideias dominantes.

Palavras-chave: Ideologia. Ideias Dominantes. Consciência.

Introdução

Em certa ocasião na obra *“Ideologia Alemã”* Marx e Engels afirmam que não é a consciência do homem que lhe determina o que é, mas, ao contrário, o seu ser social que determina a sua consciência. Os autores fazem uma relação da consciência a partir de uma práxis (ação por transformação) que intervém na realidade histórica, posta pelo mundo concreto. Trata-se de uma transformação promovida pelo próprio homem que é ator e autor de sua própria história, que feita por ele também o faz. Ou seja, o homem para Marx e Engels, não é um mero produto do

pensamento ou da história isolada de si mesmo, mas, sobretudo, o seu construtor.

Dessa forma, se não existe uma transformação fora da consciência, também não existe uma consciência fora de uma prática. Por isso, refletir o conceito de consciência é considerá-la inerente à práxis humana por meio da sua relação com a natureza para transformá-la, torna-se um embate direto entre uma concepção meramente epistemológica (idealista), em oposição à concepção da ontologia do ser social em Marx e Engels (materialismo histórico).

Neste contexto antagônico, o artigo revela a natureza da Teoria Social apresentada por Marx e Engels na obra *Ideologia Alemã*, para uma compreensão do ser humano diante dos seus momentos históricos que este se forma, e forma a sociedade em que vive.

Sem rodeios, este artigo apresenta uma reflexão que é fruto de uma leitura imanente da primeira parte da obra *Ideologia Alemã* de Marx e Engels, esclarecendo a crítica de Marx e Engels ao idealismo, não só o alemão, mas o idealismo como parte de uma estrutura filosófica apartada das condições materiais que os seres humanos se fazem no complexo da história. Esclarece, a diferença entre consciência de classe (a consciência real, histórica) da ideologia (“falsa consciência”, consciência pura, espiritual e ilusória), bem como também, a diferença entre ideologia e ideias dominantes. Pois, nem toda ideologia é parte de uma ideia dominante, mas toda ideia dominante se constrói por ideologias.

Sumariamente, finalizamos o artigo apresentando os momentos históricos que vinculam o homem à sua natureza material, que revela de forma indubitável, a relação da construção da consciência humana (sua forma de conhecer a si mesmo e o mundo a sua volta) como produto social dado à dinâmica de sua práxis.

Materialismo Histórico x Idealismo

O conceito ideologia tem vários desdobramentos teóricos em diversas áreas do campo do saber como na linguística, na sociologia, na filosofia e em outros campos também, e em cada campo desses saberes existem variações e divergências neste conceito, portando, a delimitação e explicação deste conceito neste trabalho ou em qualquer outro trabalho científico, torna-se imprescindível para uma análise esclarecedora.

Segundo FLECK (2015) história do conceito ideologia não é muito clara. O conceito de ideologia surge na obra de Destutt de Tracy, um filósofo iluminista de fins do século XVIII, para designar uma ciência das ideias oriunda de uma concepção bem mecanicista que vê o próprio pensamento

como algo biologicamente determinado. Entretanto, é na obra de Marx, mais precisamente, em *A Ideologia alemã*, que tal termo ganha notoriedade, mas não no sentido em que nela é empregado.

Para Destutt de Tracy a ideologia poderia ser um projeto de ciência, e esta ciência era o de tratar as ideias como fenômenos naturais que exprimiam a relação entre o homem, organismo vivo e sensível e o seu meio natural de vida. Assim, para ele, o que o estudo da ideologia possibilitava era o conhecimento da verdadeira natureza humana ao perguntar de onde provinham nossas ideias e como se desenvolviam.

Sumariamente, na obra *Ideologia Alemã*, Marx chama de ideólogos os pensadores do movimento jovem hegeliano, em especial Ludwig Feuerbach, Bruno Bauer e Max Stirner. Com isso, ele queria dizer que tais pensadores ficavam presos no plano de pensamento, que eles achavam que uma coisa era transformada, simplesmente, por meio da crítica, crítica para eles, como um modo de se pensar de forma distinta. Ou seja, enquanto Marx e Engels proclamava o materialismo histórico, os hegelianos permaneciam idealistas.

Dessa forma, delimitamos o conceito de ideologia à concepção de Marx apresentada na obra *Ideologia Alemã* que vai ao encontro da nossa proposta de estudo, que foi categoricamente explicada pelo teórico Terry Eagleton (1997) no primeiro capítulo de sua obra *Ideologia* que, justamente, direciona de forma elucidativa as mais variadas definições de ideologia na filosofia de acordo com os seus autores e no contexto histórico de sua produção.

De acordo EAGLETON (1997) o conceito de ideologia em Marx significa confusão entre realidade linguística e realidade fenomenal, um processo de inversão idealista da realidade. Para FLECK (2015) essa definição de Marx sobre ideologia demonstrada por Terry Eagleton (1997) demarca uma importante diferença entre os termos **ideologia** e **ideias dominantes** que, errônea e corriqueiramente, são abordadas como sinônimos por alguns autores, por isso a necessidade de uma explicação conceitual de ideologia que venha ao encontro da abordagem fidedigna aos escritos de Marx na obra *Ideologia Alemã*.

FLECK (2015) ressalta também que o conceito de ideologia tratado por Marx em sua obra *Ideologia Alemã* está diretamente ligado à sua crítica ao movimento jovem hegeliano que também marca um ponto que distingue o significado do conceito **ideologia** de **ideias dominantes**, que Marx ao tratar da ideologia na obra *Ideologia Alemã* chama os jovens hegelianos de ‘os ideólogos’, “(...) em especial Ludwig Feuerbach, Bruno Bauer e Max Stirner. Com isso, ele queria dizer que tais pensadores ficavam presos no plano de pensamento, que eles achavam que uma coisa era transformada caso, simplesmente, se pensasse ela de forma distinta; enfim, o termo ideologia serviu

para Marx mostrar que, apesar de seu autoproclamado materialismo, o movimento jovem-hegeliano permanecia idealista” (FLECK, 2015, p.145).

Sobretudo, já está mais que utilizada a frase de Karl Marx citada na 11ª tese de Feuerbach de que “os filósofos se limitaram em interpretar o mundo de diferentes maneiras, mas o que importa é transformá-lo” como também cita LOWY (2012). Marx apontando sua crítica tanto para o movimento idealista dos hegelianos, como para a necessidade de uma filosofia que tivesse seu olhar direcionado para o mundo material, a serviço da práxis, da transformação na perspectiva de um movimento dialético em que o homem consciente de sua condição de sujeito é autor da história, que produz interferência no mundo e que também é reflexo de uma interferência do mundo em si mesmo.

Portanto, o conceito de ideologia, neste momento, nos serve para esclarecer, a princípio, as diferenças dos conceitos em jogo, **ideologia e ideias dominantes**, como para compreendermos sua função na inversão dessa concepção de sujeito descrita por Marx, e o papel da classe dominante, na formação das ideias dominantes, que se encontram na força material, que trataremos a seguir.

Fica esclarecido que para Marx a ideologia é uma sugestão de inversão da consciência do sujeito, ou a *consciência invertida* de si mesmo e de suas relações sociais, é uma maneira de internalizar e exteriorizar as coisas (suas relações consigo e com o mundo), ao contrário do que elas são na sua base material/real. As ideologias são as ideias desconectadas e invertidas da vida material, tanto sob a ótica da condição do próprio sujeito, como de suas relações sociais construídas historicamente, ideias estas, que segundo Marx, são determinadas pelas condições de produção da vida dos homens, como a cultura e o trabalho, mas, entretanto, não são sinônimo de ideias dominantes.

As ideias dominantes para Marx são as ideias que possuem relação com o mundo real que o legitimam, e que são proferidas pelas classes dominantes. Ou seja, se a ideologia é a força espiritual/idealista das ideias no exercício do pensamento do movimento hegeliano na época, as ideias dominantes emergem da força material, são aquelas ideias que são extensão da ideologia, que criaram e legitimaram a partir de uma realidade contraditória e antagônica às relações assimétricas de poder, de dominação e exploração com a falsa legitimidade com o mundo real/material.

Nossa afirmação anterior pode ser verificada na passagem em que Marx diz que:

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os

meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação (K. MARX; F. ENGELS, 2007, p. 47).

A materialidade das ideias dominantes é visível quando analisamos a divisão social do trabalho, onde o ser humano é dividido de sua própria humanidade, e a concepção primitiva de comunidade, ou comunismo primitivo, o modo de vida em que os bens materiais são comuns a todos, descrita por diversos teóricos além de Marx, como pelo biólogo Humberto Maturana, e os filósofos Leonardo Boff, Demerval Saviani e outros, o comunismo é substituído pela concepção do capitalismo, a sociedade, ou seja, a comunidade natural por unidade e cooperação é suprimida pela sociedade de classes, pela competição, que para Marx é o surgimento do antagonismo social, a “luta de classes”.

[...] prevalecia o modo de produção comunal, o que hoje chamamos de “comunismo primitivo”. Não havia classes. Tudo era feito em comum: os homens produziam sua existência em comum e se educavam neste próprio processo. Lidando com a terra, lidando com a natureza, se relacionando uns com os outros, os homens se educavam e educavam as novas gerações (...) no comunismo primitivo, a educação coincidia inteiramente com o próprio processo de trabalho (...) sociedade de classes, com o aparecimento de uma classe que não precisa trabalhar para viver (...) ela vive do trabalho alheio (...) é aí que está localizada a origem da palavra escola em grego significa lugar do ócio. Portanto, a escola era o lugar a quem tinham acesso às classes ociosas. A classe dominante, a classe dos proprietários (...) Na sociedade moderna, capitalista, as relações deixam de ser *naturais* para serem predominantemente *sociais*. Neste sentido é que a sociedade capitalista rompe com a ideia de comunidade para trazer, com toda força, a ideia de sociedade (SAVIANI, 1999, p. 152)

A divisão do trabalho promove o surgimento de uma mudança geográfica com a urbanização e todo processo de industrialização que, conseqüentemente, se forma em torno de nova proposta de

desenvolvimento econômico piramidal.

De um lado, o trabalho manual, nos campos com atividade agrícola e pecuárias, de outro o trabalho intelectual, das cidades, com atividades mais artesanais, revelava assim a relação entre as classes, a classe que serve e a classe que é servida, no sentido do que explora e do que é explorado, os que dominam os meios de produção e os que são dominados pelos donos dos meios de produção.

Como afirmava Marx, o que implica na divisão do trabalho material e espiritual é a separação entre cidade e campo. Essa oposição entre cidade e campo começa com a passagem da barbárie à civilização, do tribalismo ao Estado, da localidade à nação, que se estende por toda a história da civilização até os dias atuais” (K. MARX; F. ENGELS, 2007).

Aqui aparece, portanto, a diferença entre os instrumentos de produção naturais e aqueles criados pela civilização. O campo (a água etc.) pode ser considerado como instrumento de produção natural. No primeiro caso, o dos instrumentos de produção naturais, os indivíduos são subsumidos à natureza; no segundo caso, são subsumidos a um produto do trabalho. Daí que, no primeiro caso, a propriedade (propriedade da terra) também aparece como dominação imediata e natural; no segundo caso, ela aparece como dominação do trabalho, especialmente do trabalho acumulado, do capital. O primeiro caso pressupõe que os indivíduos estão unidos por um laço qualquer, seja ele a família, a tribo, o próprio solo etc.; o segundo caso pressupõe que os indivíduos são independentes uns dos outros e se conservam unidos apenas por meio da troca. No primeiro caso, a troca é fundamentalmente entre os homens e a natureza, uma troca na qual o trabalho daqueles é trocado pelos produtos desta última; no segundo caso, é predominantemente uma troca dos homens entre si (K. MARX; F. ENGELS, 2007, p.51).

É, exatamente, neste contexto histórico da divisão social do trabalho, que identificamos tanto as ideologias dos hegelianos, acreditavam em uma transformação revolucionária por meio da força espiritual/intelectual, como também, as ideias dominantes, próprias das classes dominantes, que buscavam no mundo real uma justificativa falsa de aparente coerência para sua contraditória exploração no mundo. Vale lembrar que é exatamente o trabalho, em que o homem segundo Marx, é desvalorizado enquanto sujeito, pois a exploração e a alienação sobre esta condição desumanizada, tenta impedir o ser autor produtor consciente de sua realidade, de sua história, para ser um mero ator reproduzidor das relações sociais capitalistas. Em outras palavras, a classe dominante

dos meios de produção tira do trabalhador a compreensão do processo produtivo.

O trabalho já não é mais uma produção natural que o homem dá forma, mas este, o homem, é formado pelo trabalho, e que não mais domina com liberdade o que produz, mas torna-se escravo do que lhe é imposto a produzir.

Dessa forma, o sujeito histórico segundo Marx, é o sujeito pela afirmação de uma consciência de ser um agente transformador, que quando interage com a própria terra para promover condições de sua sobrevivência, é, indubitavelmente, uma prova real ou de contraposição às ideologias dos hegelianos, pois não são as ideias do sujeito que interagem com o mundo transformando-o e dando forma ao ser e à sua condição, mas a sua práxis com o mundo.

O homem é um ser da cultura e do trabalho que interage com a matéria por meio da práxis de transformação por meio da produção das suas condições de sobrevivência.

O homem, na sua condição natural, antes de ser capaz de falar, era capaz de produzir o necessário para comer, de viver, e de forma livre, portanto, a força material se sobrepunha a espiritual, no que tange o exemplo da manipulação da terra em todo seu processo de descoberta.

Ou seja, o contraponto aqui, aos hegelianos, se fundamenta em argumentos históricos próprios da condição humana, e a revelação da sua força transformadora da realidade, que emerge desde a era primitiva por meio da força material, e não por meio das ideias do que essa condição poderia realizar ou produzir como suas hipóteses sobre seu contato com o meio ambiente.

Vale dizer que Marx e Engels não concordam com os jovens hegelianos, e os acusam de superficiais, mas o problema não estaria na religião ou nas ideias em si, pois elas são apenas um sintoma, que por si não precisa ser combatida. Não são as ideias que causam mudanças no perfil social, mas são as mudanças socioeconômicas que causam as ideias.

O grande erro dos hegelianos consiste em tomar as ideias como apartadas da realidade, sem perceber a vinculação delas com as questões práticas e econômicas da vida. A ideologia seria assim a crença de que um campo de ideias pode compor uma realidade própria, criar uma realidade, ainda que de forma apartada das atividades humanas materiais, ou seja, desvinculadas do “ganha-pão”.

A base do materialismo histórico está nisso: antes da linguagem ou da consciência os humanos já eram capazes de viver em comunidade, buscando suprir suas necessidades básicas. A questão está neste “antes”, ou seja, como interpretar o tempo na ordem do espírito? Seja como for, Marx e Engels entendem o materialismo histórico deste modo: primazia dada à satisfação das necessidades básicas do ser humano como posição que determina as ideias, ou seja, a produção/sobrevivência

cria a própria dialética do humano.

A emancipação seria a cura para a alienação, uma vez que na *Ideologia alemã* aparece como a superação da divisão do trabalho, propondo um confronto ao capitalismo e objetivando instaurar a sociedade comunista.

Portanto, é por meio da matéria que o ser humano transforma sua realidade, e não por meio das ideias que tem sobre ela, mesmo que as ideias estejam presentes neste processo. Isso será uma discussão proposta com algumas nuances acerca do conceito de consciência crítica que identificamos em Marx, abordada no próximo capítulo.

A contraposição das ideias dominantes, também se revela no materialismo histórico apresentado por Marx, onde observamos que o homem já vivia em comunidade sendo capaz de suprir todas suas necessidades, e que o seu trabalho era produzido de forma livre por meio da cooperação. Portanto, não foi e não é, a lei do mais forte, da competição que fez o ser humano melhor, ou evoluir, mas o fez pior, ganancioso e extremamente violento.

O comunismo se formou na cooperação, já o capitalismo se fundou na competição e gerou a divisão da humanidade, criando a sociedade de classes, a dominação por exploração, a valorização de uns em detrimento de outros, desenvolveu uma estrutura incompatível com a condição humana, simplesmente porque a negou e nega a sua formação socio-histórica de cooperação, de uma humanidade livre, autônoma e autora de sua própria história.

Portanto, em outras palavras, as ideias dominantes formuladas pelas classes dominantes são inviáveis para vida do ser humano, por que são contraditórias às suas próprias condições de cooperação no trabalho e na cultura, e a ideologia hegeliana é inviável para revelar a condição humana, por que não vê o ser da forma em que este é, mas como imagina que poderia ser, ou seja, uma ótica invertida e desconectada com o mundo real/material.

O homem é um ser real, que vive no mundo material, a transformação nunca ocorrerá de forma imaginária, por meio das ideias, pois aquilo que é, não vai ao encontro com o que imaginamos que pode ou poderia ser, mas por meio daquilo que realmente é, e só o real é, e é nele, no mundo real que as coisas acontecem.

Hoje a humanidade entende que o Sol não gira em volta da terra como imaginava, pois com o avanço da ciência pode ter o contato com o real, e saber a forma real e verdadeira com que o universo se organiza. É, exatamente, a concepção real sobre o ser humano e o mundo que o envolve e o meio de o transformá-lo, que se resulta na crítica de Marx investida aos hegelianos, de situar o homem na sua verdadeira história de vida inserida da história da luta de classes, e a subversão do

sistema que o oprime, o capitalismo, que é a proposta da revolução comunista.

É no mundo real conectado com as condições sócio-históricas que o ser humano vive, por isso, o mundo real é o primeiro pressuposto da condição de sua existência. É neste mundo real que está diante do ser, que este se realiza no que é, no ser livre para produzir sua própria história. Marx bem explica essa relação ao dizer que,

(...) o primeiro pressuposto de toda a existência humana e também, portanto, de toda a história, a saber, o pressuposto de que os homens têm de estar em condições de viver para poder ‘fazer história’. Mas, para viver, precisa-se, antes de tudo, de comida, bebida moradia, vestimenta e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e este é, sem dúvida, um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, assim como há milênios, tem de ser cumprida diariamente, a cada hora, simplesmente para manter os homens vivos (K. MARX; F. ENGELS, 2007, pp.32-33)

Neste momento, fica claro o objetivo de Marx em esclarecer alguns pontos fundamentais sobre o conceito de ideologia, a sua crítica aos idealistas ou materialistas abstratos, denominado por ele de “empiristas ainda abstratos”, é um contraponto ao conceito dos homens reais e ativos inseridos na concepção do materialismo como progresso histórico.

A obra *Ideologia Alemã* faz uma crítica do conjunto da filosofia pós-hegeliana da época, e Marx assume isso no Prefácio de 1859, quando diz que trata-se de “acerto de contas com a nossa consciência”, Marx procura desmascarar esses “pressupostos ideológicos comuns” elaborado por Feuerbach. e, de certa forma, também por Hegel e o jovens hegelianos.

Para Marx o termo ideologia indica a posição idealista, isto é, a crença de que a consciência possui uma existência autônoma e determinante em relação ao mundo real e de que o mundo real é um produto do mundo ideal.

Nesse sentido, Marx dirá que Hegel olha as coisas de “cabeça para baixo”, pois não é o ideal que determina o real, mas o real que o determina o ideal, este é o esforço da crítica de Marx, demonstrar que a consciência é um produto das relações reais entre os homens e, enquanto tal, é determinada pelo seu processo de vida real, e não sob a posse de uma existência autônoma, a consciência é um

dos predicados do ser social e só pode ser compreendida a partir dessa sua base real, que é inerente a este ser sócio-histórico.

Nas palavras de Marx,

Os homens são os produtores de suas representações, de suas ideias e assim por diante a, mas os homens reais, ativos, tal como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde, até chegar às suas formações mais desenvolvidas. A consciência [Bewusstsein] não pode jamais ser outra coisa do que o ser consciente [bewusste Sein], e o ser dos homens é o seu processo de vida real. Se, em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem de cabeça para baixo como numa câmara escura (...) Totalmente ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu à terra, aqui se eleva da terra ao céu. Quer dizer, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real (...) (K. MARX; F. ENGELS, 2007, p.94).

Como o ser para Marx é um ser ativo, vivo, autor de sua história, são as condições reais desse ser, as necessidades reais de vida, que são significativo para sua existência, que Marx dirá que o ponto de sua condição de ser humano, ou seja, o que diferencia os homens dos animais é a sua capacidade de ser consciente, de produzir cultura e trabalho, de ser produtor dos meios da sua própria vida material, isto é o reflexo do próprio ser.

(...) eles mesmos começam a se distinguir dos animais tão logo começam a produzir seus meios de vida, passo que é condicionado por sua organização corporal. Ao produzir seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material. O modo pelo qual os homens produzem seus meios de vida depende, antes de tudo, da própria constituição dos meios de vida já encontrados e que eles têm de reproduzir. Esse modo de produção não deve ser considerado meramente sob o aspecto de ser a reprodução da existência física dos indivíduos. Ele é, muito mais, uma forma determinada de sua atividade, uma forma determinada de exteriorizar sua vida, um determinado modo de vida desses indivíduos. Tal como os indivíduos exteriorizam sua

vida, assim são eles. O que eles são coincide, pois, com sua produção, tanto com o que produzem como também com o modo como produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção (K. MARX; F. ENGELS, 2007, p.87).

A existência do homem se faz na dependência das condições materiais de sua produção, por isso que sua consciência é fruto de sua condição histórica e um produto social, entretanto, como bem havia explicado Marx (2003, p.25) no *18 Brumário*, os homens fazem sua própria história; mas não como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha, e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos.

Para Karl Marx a divisão do trabalho trouxe divisões de classes e, por conseguinte, a criação da **Burguesia** e do **Proletário, trabalho material x intelectual**. Durante a Revolução Industrial os beneficiados foram os detentores da matéria-prima e das ferramentas, máquinas, uma vez que quem não tinha posses passou a vender a força de trabalho tornando-se empregado dos donos.

(...) desenvolve-se a divisão do trabalho, que originalmente nada mais era do que a divisão do trabalho no ato sexual e, em seguida, divisão do trabalho que, em consequência de disposições naturais (por exemplo, a força corporal), necessidades, casualidades etc. etc., desenvolve-se por si própria ou “naturalmente”. A divisão do trabalho só se torna realmente divisão a partir do momento em que surge uma divisão entre trabalho material e [trabalho] espiritual (K. MARX; F. ENGELS, 2007, p.35).

Para Marx a ideologia era o meio pelo qual as ideias da classe dominante pareciam reais e naturais aos olhos do povo.

Ao **contrário** do que as autoras Maria Lúcia e Maria Helena (2009), mencionam sobre o **ideologia** segundo Marx e Engels, o conjunto de representações e ideias, normas de conduta, por meio das quais o indivíduo é levado a pensar, sentir e agir da maneira que convém a classe que detém o poder trata-se da conceituação de **ideias dominantes**, ideologia em Marx e Engels é uma concepção filosófica produzida pelos hegelianos, uma forma de ver a transformação sócio histórica a partir de uma crítica meramente interpretativa, e não as ideias da classe dominante, haja visto, que também

os hegelianos contestavam a classe dominante.

Portanto, a concepção das autoras Maria Lúcia e Maria Helena (2009) de **ideologia** está sendo empregado como um sinônimo de **ideias dominantes**, trata-se de um **erro** corriqueiro encontrado nos livros didáticos de filosofia.

Dessa forma, a concepção de que a realidade é apresentada de forma distorcida camuflando os conflitos existentes no seio da sociedade, ao apresenta-la única e harmônica, como se todos os indivíduos partilhassem dos mesmos interesses e ideias como resultado das seguintes características: “um corpo sistemático de representações; determinação da condição de existência dos indivíduos; camufla as diferenças de classes e o conflitos sociais (justifica as diferenças existentes); coesão social e a aceitação sem críticas (em nome da “vontade de Deus”, do “dever moral” e da decorrência da “ordem natural das coisas”), manter a dominação de uma classe sobre a outra” trata-se de uma explanação sobre o conceito de ideias dominantes e não de ideologia, como apresenta as autoras citadas anteriormente (ARRUDA, Maria & MARTINS, Maria, 2009, pag. 121).

Essas características apontadas pelas autoras anteriormente citadas, sobre a ideologia são à luz de uma leitura imanente de Marx sub-tópicos dos tópicos dos aspectos das **ideias dominantes**. Tais como: **naturalização, universalização, abstração/aparência social, lacuna e inversão**.

Marx e Engels (2007) diziam que a classe trabalhadora era levada a entender-se como classe, e, por classes, submetidos aos interesses econômicos, políticos e sociais que lhes eram ativamente impostos, ou seja, num estado de “falsa consciência” (denominada por Marx e Engels de *consciência pura* ou *consciência espiritual*) subentendida como natural, embora não o fosse, pois neste processo, o Homem não consegue sair das suas condições materiais de vida, e nem ter acesso a ela de forma real, por isso não tem uma consciência de suas necessidades.

Trata-se de uma “falsa consciência”, no sentido de uma consciência ilusória, desconectada do mundo material, tal como uma imagem distorcida, a ideologia (é falsa coerência do mundo real), uma ilusão política, social, cultural e histórica.

A respeito do materialismo como concepção de progresso histórico, FLECK (2011) ao dizer que, Marx e Engels retomam uma abordagem que já havia sido iniciada por Rousseau, que compreendia o desenvolvimento das técnicas produtivas como o propulsor do desdobramento histórico. A história, como narrada por Marx e Engels, inicia-se com “a produção dos meios para a satisfação” das necessidades mais iminentes, como; comida, bebida, moradia, vestimenta e outras coisas vitais, primazia é dada à satisfação das necessidades materiais, segundo, produção de novas necessidades

e, terceiro, a procriação, a relação entre homem e mulher, entre pais e filhos, a família, a vida real vivida na concepção terrena, e não operada pelas concepções idealistas que vem do céu como criticou Marx.

Essa inversão de paradigma para a interpretação da realidade econômica e social, a qual deve partir do modo de vida concreto dos homens, leva Marx e Engels a estruturar sua concepção materialista da história. Assim pensa Marx:

Os pressupostos com os quais começamos não são arbitrários, nem dogmas, são pressupostos reais, dos quais se pode abstrair apenas na imaginação. Eles são os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto as encontradas quanto as produzidas através de sua própria ação. Esses pressupostos são constatáveis, portanto através de um caminho puramente empírico (K. MARX; F. ENGELS, 2007, p.86).

Marx e Engels (2007), de forma alguma nega a importância epistemológica, mas esclarecemos, trata-se por ora de uma epistemologia da história inerente à ontologia do ser social, digamos, da história, reconhecendo-a como a “única ciência”, como comenta Marx. Pois, em sua interpretação, a história propriamente dita, teria tido “início” quando o homem passou a transformar a natureza, pois o homem é o pressuposto da história, sem ele nada se fez, objetivando a produção dos víveres, isto é, dos elementos indispensáveis à manutenção de sua vida. A capacidade de produzir viveres é, como já demonstramos, para Marx e Engels, um pressuposto da história humana, sendo o elemento que diferencia o homem dos outros animais. A produção desses víveres implica, portanto, uma relação com a natureza na qual o homem coloca-se como elemento ativo e transformador.

Nesse sentido, diz Marx:

Nós conhecemos uma única ciência, a ciência da história. A história pode ser contemplada de dois lados, dividida na história da natureza e história dos homens. Os dois lados não podem ser divididos enquanto existirem homens, a história da natureza e a história dos homens se condicionam mutuamente (K. MARX; F. ENGELS, 2007, p. 86).

Sumariamente, fica claro, que na *Ideologia alemã*, Marx descreve ao menos cinco importantes atos/momentos/pressupostos constituintes da história dos homens

O primeiro momento é aquele em que o homem, enquanto ser biológico, natural, com necessidades fundamentais, tais como comer, beber, morar, vestir etc., ao buscar a satisfação dessas necessidades básicas, dá início a toda a história.

(...) devemos começar por constatar o primeiro pressuposto de toda a existência humana e também, portanto, de toda a história, a saber, o pressuposto de que os homens têm de estar em condições de viver para poder “fazer história”. Mas, para viver, precisa-se, antes de tudo, de comida, bebida, moradia, vestimenta e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios para a satisfação dessas. O primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e este é, sem dúvida, um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, assim como há milênios, tem de ser cumprida diariamente, a cada hora, simplesmente para manter os homens vivos (MARX e ENGELS, p.33).

O segundo momento, ou fato histórico, é aquele que corresponde à superação das necessidades básicas, caracterizado por uma ampliação e sofisticação dessas necessidades, onde se constata a criação de demandas mais sutis e complexas, definindo aquilo que podemos chamar de vida civilizada. “O segundo ponto é que a satisfação dessa primeira necessidade, a ação de satisfazê-la e o instrumento de satisfação já adquirido conduzem a novas necessidades” (MARX e ENGELS, p. 33).

O terceiro momento refere-se à reprodução do próprio homem por meio da constituição do núcleo familiar, pois, uma vez satisfeita e ampliada a primeira necessidade de sobreviver, garantida pelo ato do trabalho, os homens passam a estabelecer relações mais complexas, reproduzindo-se, dando gênese às “relações entre homem e mulher, pais e filhos, numa palavra, na família”. Mais tarde, essas famílias se ampliam, aumentando o número de homens – e criam novas necessidades, as quais, por sua vez, geram a necessidade de novas relações de produção. “A terceira condição que já de início intervém no desenvolvimento histórico é que os homens, que renovam diariamente sua própria vida, começam a criar outros homens, a procriar – a relação entre homem e mulher, entre pais e filhos, a família.” (MARX e ENGELS, p.33)

O *quarto momento* destacado em *Ideologia Alemã* refere-se ao desenvolvimento das forças produtivas, que trazem em seu bojo a relação dos homens com a natureza e a relação dos homens entre si. As forças produtivas da sociedade compreendem os meios de produção e a força de trabalho, isto é, as habilidades, as técnicas, as tecnologias e os instrumentos que o homem possui para dominar a natureza, exercer controle sob as condições naturais e subordiná-la a suas necessidades.

O *Quinto Pressuposto*- que é a elaboração de Marx e Engels (2007) sobre a formação da consciência dos homens, sua consciência de classes.

Somente agora, depois de já termos examinado quatro momentos, quatro aspectos das relações históricas originárias, descobrimos que o homem tem também “consciência”. Mas esta também não é, desde o início, consciência “pura”. O “espírito” sofre, desde o início, a maldição de estar “contaminado” pela matéria, que, aqui, se manifesta sob a forma de camadas de ar em movimento, de sons, em suma, sob a forma de linguagem. A linguagem é tão antiga quanto a consciência – a linguagem é a consciência real, prática, que existe para os outros homens e que, portanto, também existe para mim mesmo; e a linguagem nasce, tal como a consciência, do carecimento, da necessidade de intercâmbio com outros homens. Desde o início, portanto, a consciência já é um produto social e continuará sendo enquanto existirem homens. A consciência é, naturalmente, antes de tudo a mera consciência do meio sensível mais imediato e consciência do vínculo limitado com outras pessoas e coisas exteriores ao indivíduo que se torna consciente (...) (MARX e ENGELS, p.34) A moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, bem como as formas de consciência (...) Não têm história, nem desenvolvimento; mas os homens, ao desenvolverem sua produção e seu intercâmbio materiais, transformam também, com esta sua realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar. *Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência.* No primeiro modo de considerar as coisas, parte-se da consciência como do indivíduo vivo; no segundo, que corresponde à vida real, parte-se dos próprios indivíduos reais, vivos, e se considera a consciência apenas como sua consciência. Esse modo de considerar as coisas não é isento de pressupostos. Ele parte de pressupostos reais e não os abandona em nenhum instante. Seus pressupostos são os homens, não em quaisquer isolamento ou fixação fantásticos, mas em seu processo de desenvolvimento real, empiricamente observável, sob determinadas condições”

(MARX e ENGELS, p. 94).

Dispondo desses elementos, com base na análise do processo de trabalho, é possível constatar que para Marx e Engels (2007) toda relação do homem com a natureza é, também, e simultaneamente, uma relação dos homens entre si.

Neste contexto, os autores afirmarão que a contradição entre as forças produtivas e as relações sociais de produção, isto é, entre a capacidade de o homem transformar a natureza e as formas de cooperação por ela geradas, será o elemento decisivo para instaurar um período de revoluções, podendo levar à derrubada do modo de produção capitalista e à sua substituição pela sociedade do futuro, a sociedade comunista, o comunismo.

Lembrando, do professor Pedro Demo (1989), que muito bem explica essa dialética exposta por Marx e Engels sobre a subversão ao sistema capitalista, por meio de sua superação e pelos seus próprios colapsos, podemos concluir que “*toda formação social é suficientemente contraditória, para ser historicamente superável*” (1989, pp.89-90), assim como Marx e Engels (2007), superaram o concepção do idealismo apresentando o materialismo histórico

Referências Bibliográficas

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à filosofia**. 4ª ed.- São Paulo: Moderna, 2009.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1989.

EAGLETON, Terry. **Ideologia: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 1997.

FLECK, Amaro de Oliveira. **Tópicos em filosofia política : introdução ao pensamento de Marx : guia de estudos** / Lavras : UFLA, 2015.

FLECK, Amaro de Oliveira. **Theodor W. Adorno: um crítico na era dourada do capitalismo/** Tese de Doutorado. Orientador: Alessandro Pinzani. UFSC- Florianópolis, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 40 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005. LÖWY, Michael. **A teoria da revolução no jovem Marx**. São Paulo: Boitempo, 2012. MARCELINO, Paula. Resenha de: RENAULT, Emmanuel; DUMÉNIL, Gerard; LÖWY, Michael. **Ler Marx**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

MARX, Karl. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)** / Karl Marx, Friedrich Engels; supervisão editorial, Leandro Konder; tradução, Rubens Enderle,

Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. - São Paulo: Boitempo, 2007(Apresentação- Emir Sader).

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2008. MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luiz Bonaparte**. São Paulo: Centauro, 2003.

SAVIANI, D. *Tendências e correntes da educação brasileira*. In: SAVIANI, D.**Filosofia da educação brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

Autor:

Glauber Klay Carreiro Fidelis

Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Nova de Lisboa (UNL), Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Lavras (UFLA), Licenciado em História pela FAMOSP-. Atualmente Professor efetivo de Filosofia na rede Estadual do Estado de Minas Gerais membro do GECEF- Grupo de Estudos em Cinema, Educação e Filosofia do Claretiano Centro Universitário, coordenado pelo prof. Dr. Alessandro Reina e integrante do Grupo Marxismo e Filosofia e Cine e Marxismo da UFS (Universidade Federal do Sergipe) coord. Pelo prof. Dr. Romero Venâncio.

E-mail: <glauberklay@gmail.com>.